
A HORA DA ESTRELA – MARCAS DÊITICAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

THE STAR TIME – DEITIC MARKS IN THE IDENTITY BUILDING

Márcia Breguês Marques da Silva¹

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo analisar, através de uma leitura lingüístico-discursiva, a construção da identidade na obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. Examinar-se-á o emprego da *Dêixis* como marcador da posição ideológica do locutor, constituído na enunciação, em relação ao outro, evidenciando a segregação social na narrativa. Neste esforço interpretativo, observar-se-á que os dêiticos permeiam as falas representativas do meio, que apontam para a protagonista da obra, Macabéa, como um ser marginalizado e inconsciente, dificultando, assim, a formação de sua identidade. A fundamentação teórica que sustenta essa análise tem sua base principal nos estudos dos fenômenos lingüísticos de Émile Benveniste, Catherine Kerbrat-Orecchioni, Dominique Maingueneau e Mikhail Bakhtin.

PALAVRAS-CHAVE: *Dêixis*. Identidade. Textualidade

ABSTRACT: This essay intends to analyze throughout linguistic and discursive readings the building of identity in the novel *A Hora da Estrela* by Clarice Lispector. We shall investigate the application of Deixis as a speaker ideological position marker, constituted in the enunciation, concerned about the other, evidencing the social segregation in the narrative. In our interpretative effort, we shall observe that deictic words permeate the environmental representative speeches which point to the principal of the work, Macabéa, characterizing her like an unconscious and a marginalized human being, therefore, raising difficulties during her process of identity formation. The theoretical grounding that supports this analysis is chiefly based on the study of the linguistic phenomena developed by the following authors: Émile Benveniste, Catherine Kerbrat-Orecchioni, Dominique Maingueneau e Mikhail Bakhtin.

KEYWORDS: *Deixis*. Identity. Textuality.

O silêncio da escritura de Clarice Lispector – o indizível – parece convocar o leitor para a tarefa hermenêutica que responde pela liberação de sentidos do seu texto. Nesta perspectiva, o fazer interpretativo implica uma tarefa de desvelamento, de decodificar os

¹ Mestra em Letras pela Univ. Presbiteriana Mackenzie e professora da FMI – Faculdade Montessori de Ibiúna. O presente artigo tem como base a dissertação de mestrado: *A Hora da Estrela: O eu e o outro – um estudo da Dêixis e da alteridade*. E-mail: marciabregues@yahoo.com.br

vazios deixados na urdidura textual, ou seja, ler por trás dos sussurros². Verificaremos como se delineia esse artifício a partir da análise da obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. Segundo a Linguística Textual, ler o que não está escrito é essencial para a construção de sentidos, assim, para auxiliar-nos nesta tarefa, convocaremos os referenciais dêiticos³, por nos levar ao encontro dos processos que constroem a comunicação, e apreender nas entrelinhas da tessitura clariciana, os papéis que os actantes desempenham e sua influência ideológica sobre o outro.

Em 1977 Clarice Lispector publica o seu último romance em vida, intitulado *A Hora da Estrela*, que acrescenta uma dimensão nitidamente social ao universo ficcional introspectivo da escritora. Transgredindo a tendência da maioria das obras claricianas, este romance é narrado em primeira pessoa, que confere ao texto um alto grau de subjetividade. A história narra “as fracas aventuras” de uma moça alagoana “numa cidade toda feita contra ela”, o Rio de Janeiro. Com um enredo aparentemente simples, a autora transcende os limites da linguagem, levando o leitor a interar-se com o texto.

A linha condutora que norteará o estudo deste texto literário, segundo uma abordagem lingüístico-discursiva, é o propósito de conhecer a dinâmica dos dêiticos como fenômenos intervenientes durante o percurso da criação identitária da personagem Macabéa.

Clarice Lispector, operando com o signo lingüístico de forma lapidar, cria a possibilidade de o homem da modernidade descobrir-se dessubstancializado e caminhar em demanda de sua essência. A problemática da identidade, reiterada nesta narrativa de Clarice Lispector, explora a busca atormentada, embora inconsciente, de Macabéa por uma autoimagem unificada, potencializada e convertida em palavras no nível da produção textual, estabelecendo um jogo de ambigüidades no tecido discursivo.

O olhar de Rodrigo S.M. concentra-se na figura de Macabéa, personagem-protagonista da trama que o narrador se propõe a desvelar. Esta personagem é vista, a princípio, de relance, perdida na multidão das ruas do Rio de Janeiro, distante do foco de interesse das pessoas. Aos poucos, as lentes do narrador vão se aproximando, recalitrantes, do mundo de Macabéa, do seu mundo interior. Ela é dada a conhecer como uma datilógrafa, semi-analfabeta, que migra do sertão de Alagoas para a cidade carioca,

² Berta Waldman (1992) esclarece que entre a palavra e o silêncio, entre o que está implícito em seu dizer, situa-se o texto. "Se quisermos saber o que o texto relata, devemos interrogar o silêncio, mas não o silêncio anterior à palavra, mas o outro silêncio, que está depois da palavra".

³ Segundo Lahud (1979) O termo dêitico tem, possivelmente, a sua raiz etimológica do vocábulo grego *deitíkos*, formado a partir de *dêixis*, que nos remete à noção de mostraçã ou indicaçã.

sempre apontada como um ser que assume uma posição desprivilegiada no meio em que vive. Inicialmente, vejamos como Rodrigo S.M. tenta dar forma a sua personagem:

Como é que sei tudo o que vai se seguir e que ainda o desconheço, já que nunca vivi? É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de *uma moça nordestina*. (LISPECTOR, 1999: 12: grifos nossos).

Percebe-se que a voz narrativa não nomeia a sua personagem, mas sim a aponta por dêiticos que depreciam a sua imagem. A opressão contra a jovem fica clara quando o narrador apresenta, ou melhor, aponta-a como “uma moça nordestina”, que, pela indefinição, poderia ser uma das milhares de nordestinas que circulam nas cidades grandes. Sabe-se que o Nome é o mesmo que essência. Na concepção de povos antigos, o nome não é apenas aquilo que caracteriza alguém e o distingue de outros, mas também parte essencial de sua pessoa: “o que não tem nome não existe” (Eclesiastes. 6,10) ou ainda; um homem sem nome é “insignificante, desprezível” (Jó, 30,8).

Note-se que os dêiticos antepostos ao nome desempenham um papel importante na enunciação. Se o nome cumpre a função de identificação do objeto do discurso, validando assim, uma presença, ele carrega em si um sentido genérico, **moça**. Nomeia um ser dentre muitos dessa espécie. Ao justapor os dêiticos **uma** e **nordestina** ao nome, o caráter de indefinição perdura e marca um distanciamento, um desconhecimento do referente pelo sujeito do discurso.

No desenrolar da trama, de forma irônica, Rodrigo S.M. narra o momento em que a personagem-protagonista é despedida por seu chefe. A cena parece despertar o Eu adormecido de Macabéa, pois logo após o comunicado, a jovem sente a necessidade de isolamento, numa tentativa de encontrar-se, de descobrir-se face o posicionamento do outro, o chefe:

Depois de receber o aviso foi ao banheiro para ficar sozinha porque estava toda atordoada. Olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida. Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem alguma. Sumira por acaso a sua existência física? Logo depois passou a ilusão e enxergou a cara toda deformada pelo espelho ordinário, o nariz tornado enorme como o de um palhaço de papelão. Olhou-se e levemente pensou: tão jovem e já com ferrugem. (LISPECTOR, 1999: 25).

Apreende-se neste excerto o drama de Macabéa, que não pertence a si mesma, está à deriva. Não é dona de si, nem sequer domina o próprio ponto de vista e nem tem o poder de escolher em quem se espelhar. Fica confusa, depois de ouvir do chefe que seria demitida, pois mantinha uma íntima relação de alteridade com a sua profissão, era o ponto de apoio entre o seu mundo interior e o exterior. Destarte, quando se olha no espelho, tem a ilusão de que a sua imagem não reflete, imagina que ela tenha desaparecido, despersonaliza-se.

O cargo situa Macabéa naquela sociedade, além de lhe garantir a transição da experiência do **não-ser** para **um Ser** (a datilógrafa). Ao passar o estado ilusório, a jovem retorna à sua imagem no espelho, que se apresenta de forma fragmentada, sem definição: “o nariz tornado enorme, como de um palhaço de papelão”, o que traduz o olhar do outro. Ela constantemente era motivo de escárnio, de risos inescrupulosos. Desse modo, na esfera da alteridade social, Macabéa, que contraria as expectativas da classe dominante, converte-se na excluída.

Curiosamente, no início do fragmento da instância narrativa, tece-se uma comparação entre “a pia imunda e rachada, cheio de cabelos” com a vida de Macabéa. A aproximação que se estabelece entre os dois elementos **pia** e **Macabéa** constroem a imagem do ser como um recipiente marcado com fissuras. A fragmentação revela o estado interior desse continente. Já os dêiticos **imunda** e **cheia de cabelos** são portadores da percepção do outro, do narrador. Anteriormente, em outra passagem do romance, Rodrigo S.M. havia sido o porta-voz do meio, ao dizer que Macabéa era um “cabelo na sopa”, ou seja, ela era desagradável, descuidada, não ciente da necessidade de higiene pessoal. No questionamento sobre a sua existência, parece que se desencadeia o deslocamento do discurso indireto para o indireto livre, dando abertura para uma breve introspecção da personagem. Por fim, o narrador retoma o fio do discurso e quando parece assumir o olhar observador, perde a distância crítica e cria uma ambigüidade: “tão jovem e já com ferrugem” é a voz de Macabéa ou do narrador? A ferrugem é do espelho ou de Macabéa? E Rodrigo S.M. continua a construção da sua personagem, atribuindo-lhe as características, que a colocam no patamar dos excluídos:

Ela nascera com maus antecedentes e agora parecia uma filha de um não-sei-o-quê com ar de se desculpar por ocupar espaço. [...] Ela era toda um pouco encardida pois raramente se lavava.[...] Uma colega de quarto não sabia como avisar-lhe que seu cheiro era murrinhento [sic]. Nada nela era iridescente, embora a pele do rosto entre as manchas tivesse um leve brilho de opala. Mas não importava, ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio. (LISPECTOR, 1999: 27, grifos nossos).

Observa-se que no desenrolar do texto, o narrador, ao caracterizar Macabéa, o faz munido com uma carga de atributos, precedidos por dêiticos que reforçam o desapareço à personagem, como se registra em: “uma filha de não sei o quê”, indeterminando-a novamente, reforçando a idéia de ser estranho, do qual não se sabe a origem; por isso desperta o sentimento de afastamento do objeto, de rejeição. De forma gradativa, desvenda-se, nas entrelinhas do texto de Lispector, a adjetivação dêitica, que referencia Macabéa de forma a desqualificá-la. Os atributos a seguir indicam a falta de higiene da moça “era encardida” / “tinha cheiro murrinhento”, ampliando a idéia de que a mesma não se conhece, não se identifica com o próprio corpo, portanto não vê necessidade de cuidar dele. Com a construção textual “nada nela era iridescente” e “ela era café frio”, atinge-se, de forma coerente com o restante do discurso, a sua total desvalorização; nada nela cintila, ela é totalmente desprovida de encantos.

Observa-se, neste estudo, que os dêiticos marcam o processo identitário de Macabéa, em seus vários aspectos. Segundo *Benveniste* (2005), os dêiticos são signos **vazios**, que se tornam plenos somente no momento da enunciação. Por analogia, os dêiticos que apontam Macabéa, também **oca** de significação, vão revestindo-a de sentido; desvelando a sua procura por uma identidade. Cumpre ressaltar que os dêiticos são elementos contextualizadores, que introduzem, na alocação, as referências extralingüísticas. Eles tanto nos permitem referenciar o discurso, simulando a existência lingüística de um referente externo, como também apontam para a instância da enunciação e às suas coordenadas espacial ou temporal:

Nascera inteiramente *raquítica*, herança *do sertão* – os maus antecedentes de que falei. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de *febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas*. [...]. (LISPECTOR, 1999: 28, grifos nossos).

Os dêiticos espaciais “do sertão de alagoas” e “lá onde o diabo perdera as botas” conferem ao texto um distanciamento do sujeito que fala, ao mesmo tempo em que depreciam o espaço referido, ao marcar disforicamente o local de nascimento da personagem. Note-se primeiramente uma tentativa de elucidação da referência espacial. Transita-se da indicação genérica “do sertão” para uma particularizada “no sertão de Alagoas”.

A referência ao sertão está em oposição espacial à ocupada pelo narrador, no litoral de uma metrópole, o Rio de Janeiro. O **lá** distingue-se do **cá** não apenas pela distância

física, mas também pela distância social. **Lá** é o lugar em que nasce o raquítico, lugar de febres ruins, em que a morte ceifa as vidas precocemente. Registra-se ainda uma gradação na referência espacial: “no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas”. Se na primeira parte da referência já assinala uma distância entre o referente e o sujeito da enunciação, este afastamento torna-se ainda maior na segunda parte. “Onde o diabo perdera as botas” é uma expressão consagrada pelo saber coletivo para indicar uma distância desmesurada, infinitamente grande em relação ao sujeito do discurso. Aqui também o dêitico porta as referências de lugar desprivilegiado, segundo o olhar do enunciador.

Mas Macabéa, mesmo com a existência quase nula e silenciosa, vai vingando na narrativa, e, parece ter uma explosão de vida quando conhece o seu primeiro e único namorado, sob uma chuva abundante, o que pode simbolizar tanto um mau agouro (daria certo o namoro?) quanto o despertar do desejo (tornar-se fértil, procriar). Desse modo, ensaia-se o processo de alteridade: o reconhecimento de si e do outro, ou seja, encontrar uma parte de Si mesma, ou quem sabe a outra face, da sua própria identidade.

Os dêiticos que comparecem para criar a imagem de Olímpico e Macabéa vêm secundados por nomes que têm a mesma isotopia, isto é, carregam a mesma carga semântica da discriminação, – “bichos da mesma espécie que se farejam”. Assim captados pelo narrador, eles nos remetem ao quadro de carência sócio-cultural, enfrentado pelos migrantes nos grandes centros urbanos. No entanto, existe uma grande diferença entre eles: ele acha que sabe de tudo; ela não acha nada. Ele tem ambições, quer ter ascensão social, mesmo que ilicitamente, Macabéa acha que não precisa vencer na vida.

O diálogo travado, nesse primeiro encontro amoroso, culmina com a revelação do nome da personagem, já quase na metade do romance. A personagem apresenta-se simultaneamente a Olímpico e também para o leitor, numa cena recuperada de páginas perdidas, que foram para a lata de lixo, conforme relato do narrador.

O romance privilegia a cena, ainda que reconstituída, neste momento em que Macabéa parece investir-se dessa suprema dignidade de sujeito, que tem um nome próprio. Assim, em uma tentativa de estabelecer a identidade de Macabéa, é necessário que ela se individualize pelo olhar do outro. Ao ser nomeada, parece que, pela primeira vez, a estrela de Macabéa irá brilhar, no entanto, essa hora de estrela brevemente se desfaz, pois a primeira reação de Olímpico é de puro estranhamento, pois ele não compreende o nome dela. Como já foi explicitado neste texto, se o nome revela uma essência, neste momento, carregado de significação dêitica, ele aponta para o desejo de auto-anulação da personagem.

Vale, ainda ressaltar, que a moça é nomeada pela mãe, como pagamento de promessa para que ela vingasse. Vingou e teve de carregar um nome estranho pela vida afora. O nome parece que se impregnou em Macabéa “qual doença de pele” (contagiosa), afastando-a do convívio social e dificultando a formação de sua identidade⁴.

Isso reafirma a idéia de que Macabéa está em busca de sua identidade, e que seu nome não ajuda muito. Pelo contrário, ele reforça a sua existência de ser que se autodesconhece e, por conseguinte, permanece à margem da sociedade. Em um momento significativo da obra ela diz: “não sei o que está dentro do meu nome” (p.56), o que leva a convalidar o desconhecimento do seu próprio ser. Esse momento em que a personagem se flagra alheia a sua essência ôntica transtorna-a tanto, que ela esquece de perguntar o nome do namorado. Somente após alguns encontros, ela o faz: “– *Olímpico de Jesus Moreira Chaves*, mentiu ele porque tinha como sobrenome apenas de Jesus, sobrenome dos que não tem pai. [...] – Eu não entendo o seu nome, disse ela. Olímpico?” (p. 44, grifos nossos).

Os nomes atribuídos aos personagens não são gratuitos. Macabéa aponta para algo diferente, incomum. É provável que derive de *maq a báb*, vocábulo hebraico que significa martelo, em virtude dos duros golpes que o povo macabeu infligiu aos seus inimigos⁵. Se os *Macabeus* resistiram duramente aos seus oponentes, Macabéa, em contraste, parece que aceita, pacificamente, as desventuras da sua vida; não luta, não reage ante uma cidade “toda feita contra ela”. Acredita-se ainda, que ela nem mesmo tenha consciência que precisa vencer, ou melhor, adaptar-se à cultura dos grandes centros urbanos. Ela é vista como a estrangeira, a diferente, enfim uma ameaça, que a sociedade capitalista logo trata de extirpar.

À outra, dessemelhante (Macabéa), não é dado o direito de encarnar-se, tornar-se uma cidadã na grande metrópole. O grupo não poupa esforços para eliminar todo aquele que apresenta um comportamento estranho, que é uma extravagância despedida de razão; por se tornar insuportável. Desse modo, a outra se encontra desclassificada enquanto sujeito, e suas singularidades só confirmam a falta de estruturação da sua identidade; ela cria desordem social, por isso ela é excluída.

⁴ Segundo Carlos Mendes de Sousa (2004) “não devemos estranhar o fato da personagem não entender o nome que transporta e se aí se pode ler uma forma de denúncia face à situação dos nordestinos (macabeus do século XX), seres perdidos na grande cidade opressora, também se pode encontrar um amplo questionamento sobre o ser. Fazer corresponder o nome à pessoa – dar um sentido ao nome, do mesmo modo que se faz corresponder o nome às coisas – como que equivale a um destino que aos seres se impõe cumprir”.

⁵ O relato sobre o povo Macabeu encontra-se em dois livros bíblicos apócrifos: I e II Macabeus.

Já o nome Olímpico tem uma caracterização dêitica eufórica, pois sua significação está relacionada ao elevado e ao grandioso, fazendo referência ao mítico e ao épico. É, entretanto, tão marginalizado quanto ela, mas aparentemente mais esperto.

Durante o namoro, coincidências desagradáveis ocorrem. Sempre está chovendo quando eles se encontram e nas conversas há falta de assunto. O discurso dos namorados é tautológico, sem troca de idéias ou emoções, tendência natural de Macabéa. Para ela “as coisas são o que são e pronto”. Já para Olímpico, as coisas acontecem devido a sua astúcia em lidar com situações difíceis.

Se tomarmos como referência textual, os diálogos entre Olímpico e Macabéa, perceberemos que os dêiticos, que se articulam na fala de Olímpico, materializam ainda mais, a estaticidade do viver de Macabéa:

Macabéa: Falar então de quê?

Olímpico: Por exemplo, de você.

Macabéa: Eu?!

Olímpico: Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de Gente.

Macabéa: *Desculpe mas não acho que sou muito gente.*[...]

Olímpico: É você não tem solução. Quanto a mim, de tanto me ‘chamarem, *eu virei eu*. No sertão da Paraíba não há quem não saiba quem é Olímpico. E um dia o mundo todo vai saber de mim.[...]

(LISPECTOR, 1999: 48-49, grifos nossos).

O dêitico puro Eu, utilizado tanto na fala de Olímpico, quanto implícito na de Macabéa, assume características diferentes: “Eu virei eu” - em um exame do conteúdo semântico, nota-se que Olímpico carrega uma necessidade de se autoafirmar como um sujeito que se insere, se impõe em uma sociedade elitista, à qual ele tem consciência de ainda não pertencer. Já a construção frásica, revela um sujeito egocêntrico, cuja aspiração está em se sobressair, se destacar como um ser atuante, revelando uma obsessão de Olímpico em ser alguém – ele próprio. Ele sai de um estágio de um **eu** imanente e transcende para um **eu** que ele crê ser o ideal para si e para os outros.

Contudo na fala de Macabéa “mas não acho que sou muito gente”, percebe-se que ela não teve uma formação identitária. Ao contrário de Olímpico que se impõe, forçadamente, na sociedade, Macabéa foi inserida ou pelo destino ou segundo os parâmetros de uma tia. Ela é passiva. Deixa-se levar pelos acontecimentos, pela vida. A réplica “Desculpe mas acho que não que sou muito gente” apresenta toda a contraditoriedade e complexidade de Macabéa. Primeiramente temos a modalização da fala com excusas (desculpe), com ressalvas (mas acho). Enquanto Olímpico se autoafirma

hiperbolicamente, ela pede desculpas por existir. Todas as facetas aqui pontuadas continuam a descaracterizar a personagem, ela nem ao menos sabe se é **gente** e também não tem grandes aspirações para o seu futuro. Será que ela tem direito a um? Vive, sem saber, em estado de alienação. Ela não tem preocupações, pois não deseja nada. Segundo o narrador seu viver é “ralo” e “insosso”, tornando-a inexplicável.

Macabéa está em um limbo pessoal, não consegue se descobrir, pois, mesmo quando tenta se constituir como um Eu, ela o faz de maneira parca e sem brilho. Macabéa se aproxima mais do dêitico Ela ⁶, sendo uma simples indicação, que não funciona nem como locutor, nem como alocutário, na verdade, ela não se assume. Ademais, vem sempre marcada por qualidades negativas.

A possibilidade de o indivíduo se enxergar integralmente, isto é, ir ao encontro de si mesmo na sua consciência mais profunda, é negado à Macabéa. Se a linguagem é concedida ao indivíduo como fonte de revelação, bastando para isso ser capturada, eficientemente, em sua potencialidade de ser e de não-ser, por esse viés, toca-se no âmago do problema de Macabéa: ela é construída por Rodrigo S.M., como um ser destituído do poder de comunicação, exilada da consciência crítica diante de si e do mundo.

O narrador resume o namoro dos dois com um grande paradoxo entre o homem e a mulher: “Ele falava coisas grandes, mas ela prestava atenção nas coisas insignificantes como ela própria”.[...]. (p. 68).

Retomando o fluxo da narrativa, percebe-se que Macabéa perde outra vez: Olímpico troca-a por Glória, sua colega de escritório. Glória e Macabéa não poderiam ser mais opostas: Enquanto Glória é do “Sul do país”, Macabéa é do “sertão de Alagoas”, o que reforça a distância entre elas. Glória, portanto, já pertence a essa sociedade capitalista “carioca da gema”, enquanto Macabéa, por ser do sertão, não consegue se enquadrar aos valores desta mesma sociedade, tornando-se marginalizada. Glória surge na composição textual como a “bem alimentada”, “material de boa qualidade”, tinha pai, mãe e comida quente na hora certa; possuía corpo, substância, era desejável. Em contrapartida, Macabéa era órfã, criada por uma tia que nunca lhe demonstrou algum tipo de carinho, além de viver excluída da sociedade. Isso tudo explica a dificuldade que a moça tem em dizer o que

⁶ **Benveniste** (2005) considera como dêiticos puros, apenas os pronomes eu/tu. O lingüista não concorda com a denominação de pessoa, por não considerar que **ele** participe efetivamente da enunciação como locutor, possuindo apenas uma função de representação sintática. Já **Cervoni** (1989) discorda de Benveniste, incluindo o **ele** como pessoa fundamental. Analisando a teoria dos dois autores, podemos concluir que o pronome **ele** figura ao mesmo tempo como representante e como dêitico, porém, nessa última figuração, o **ele** caracteriza-se com qualidades negativas, uma vez que é uma simples indicação do indivíduo que atua como referente, não funcionando, portanto, nem como locutor nem como alocutário, pois necessita de um antecedente lingüístico que só pode ser recuperado no contexto discursivo.

exatamente é, **ela era ela**, numa circularidade dêitica que representa a não-pessoa. E finalmente, Glória “era boa parideira” enquanto Macabéa, a de “ovários murchos”. Num típico processo de alteridade, Macabéa vê-se refletida em Glória, pela sua diferença, naquilo que ela não poderia nunca ser. Glória é apresentada como um “estardalhaço de existir”, enquanto ela, nem sabia se realmente existia.

Podemos então dizer que Macabéa ao ser (des) construída com essa adjetivação dêitica, vinca, na narrativa, a imagem do ingênuo, do *outsider*, isto é, ela personifica uma classe de pessoas excluídas socialmente, pertencentes a uma pobreza irreversível. Ela tem pobreza material, cultural, banida da interação social, sem identidade.

Macabéa mais uma vez está exposta à opressão do seu meio, sendo explorada, de uma maneira ou de outra, por praticamente todas as personagens com as quais mantém algum tipo de contato. Mas, se, inconscientemente, ela fica à mercê dos outros, em contrapartida, essa alienação à real adversidade a protege. Desse modo, as revelações da cartomante acabam sendo praticamente letais para a jovem; não pelas falsas profecias que ela ouve, mas sim, pela revelação da precária condição da moça.

A cartomante, ao se dirigir, dissimuladamente, à jovem com apontamentos dêiticos carinhosos, “meu benzinho”, “minha florzinha” acaba por causar certo estranhamento em Macabéa, uma vez que ela não tivera, até então, qualquer memória afetiva. Esse ardil, utilizado para ganhar a confiança da cliente, produz efeitos surpreendentes. Pela arte da retórica, ela consegue persuadir Macabéa. Ela sente, pela primeira vez, que teria um futuro.

A cartomante anuncia a Macabéa a concretização de seus sonhos, deixando-a em espécie de letargia. A jovem inicia, então, o processo de gestação da sua tão preciosa felicidade e parte rumo ao seu grandioso destino. A personagem ensaia a sua saída da não-pessoa (ela) e tenta constituir-se como sujeito (eu), com presente, passado e futuro, enfim, possuir uma identidade.

O narrador deixa-se levar pela mão da ironia ao caminhar para o desfecho pela rota contrária das previsões da cartomante. No plano do enredo, dá-se a desconstrução das promessas anunciadas: “Ficou inerte no canto da rua, talvez descansando das emoções, e viu entre as pedras do esgoto o ralo capim de um verde da mais tenra esperança humana. Hoje pensou ela, hoje é primeiro dia da minha vida: nasci”. (p.80).

A cena enunciativa do atropelamento encerra relações simbólicas importantes: a escolha do carro Mercedes-Benz, “enorme como um transatlântico”, para ser o instrumento que atingirá mortalmente Macabéa, alegoriza a classe dominante, a elite, que a atropela e extermina-a do contexto social.

Observemos que na situação enunciativa apresentada pelo excerto, mais uma vez, Macabéa não se lamenta, espera calada, o transcorrer dos fatos. Afinal, é o primeiro dia da sua vida, bem delimitado pelo dêitico temporal **hoje**, que contrasta com o **ontem**, que retém o sentido de uma vida sem perspectivas. **Hoje** aponta para o momento da realização do ato epifânico, um instante existencial, em que a personagem evidencia o seu destino, mediante uma fugaz iluminação interior. Segundo Borelli: “Esse momento não precisa ser excepcional ou chocante; basta que seja revelador, definitivo, determinante [...] o momento da lucidez plena, em que o ser descortina a realidade íntima das coisas e de si próprio”. (1981: 65).

A hora da morte da personagem é determinante para que ela consiga, enfim, descobrir-se a si mesma. É uma descoberta silenciosa, sem manifestações externas, ao lado da sarjeta e do capim. Com este último elemento, a narrativa, cataforicamente, delinea as relações com o campo semântico da resistência e da insignificância. Já o termo **sarjeta**, nesta situação de enunciação, preserva o sentido do arcabouço cultural que atribui à expressão estar/cair na sarjeta o significado de degradação, falência, perda de valor. Portanto, mantém a mesma isotopia de **capim**.

Desta feita, o ato de morrer ao lado da sarjeta e do capim simboliza a opacidade da vida da protagonista. Esse é um momento mágico na vida desta moça. Pela primeira vez, as pessoas passam a notá-la, observá-la; ela é, agora, Macabéa. E nesse apelo da morte, a jovem, abraçada a si mesmo, em posição fetal, repete em sua mente “**eu sou, eu sou, eu sou**” (p.84), sintagma devidamente marcado pelo dêitico puro Eu. Na hora da morte, ela se torna o sujeito do seu discurso. Com a morte, o narrador encontra a saída para o vácuo existencial na introdução de uma supra-realidade.

O desfecho é profuso de ironias. Uma delas é descobrir o sentido da vida, secundada pela morte que a reconduz ao ponto de partida e a *via crucis* de sua existência: o não-sentido de viver, ou seja, a vida esvaziada de marcas de temporalidade: sem passado e sem futuro, agonicamente vivendo o presente de opressão, rejeição e miséria. A ressignificação esvai-se, não para voltar à vida nebulosa, carente de consciência enquanto sujeito histórico, mas para adiantar-se para o não-ser.

Percebe-se, que as personagens claricianas experimentam a mesma ânsia da entrega e da ruptura de que ela própria se vale para se expressar por meio da matéria sígnica. No texto em análise, Rodrigo S.M. explora a linguagem simbólica que amplia a significação do signo, verbaliza a incapacidade comunicativa da personagem, revela, por fim, um mundo em que as falas ficam ao meio, reticentes. A linguagem surge, pois, como o intervalo entre a

subjetividade poética e a força da realidade exterior. É assim que Macabéa, quase invisível na narrativa, se revela presente e inquietante, entre grandes vazios, que o leitor preenche, de sorte a erigir, com este constelado, uma imagem viva, densamente humana e profundamente sofrida do ser anônimo.

Deste modo, ao tentar decifrar as entrelinhas deste texto, descobre-se, no silêncio do ser, a ânsia de Macabéa em encontrar o âmago da sua essência. Com a morte, a personagem deixa de ser objeto sem brilho diante das aparições fulgurantes da elite para transformar-se em estrela mitopoética, no plano da ficção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail (Volochínov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. 8. ed., São Paulo: Hucitec, 1997.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística geral I*: 5. ed., Campinas: SP: Pontes, 2005.
_____. *Problemas de Lingüística Geral II*. São Paulo: Pontes, 1989.

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector – Esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CANDIDO, Antonio. No Raiar de Clarice Lispector. In *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

CERVONI, Jean. *A enunciação*. Trad. L. Garcia dos Santos. São Paulo: Ática, 1989.

DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica lingüística: dizer e não dizer*. São Paulo, Cultrix, 1977.

_____. *O dizer e o dito*. Campinas, Pontes, 1987.

FIORIN, José Luiz. *As Astúcias da Enunciação: As categorias de Pessoa, espaço e Tempo*. 2. ed., São Paulo: Ática, 2001.

GUIMARÃES, Elisa: *A Articulação do texto*. São Paulo: Ática, 1999.

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

LAHUD, Michel. *A Propósito da noção de Déixis*. São Paulo: Ática, 1979.

KERBRAT- ORECCHIONE , Catherine. *La enunciación de la subjetividad en el lenguaje*. Hachette. Bueno Aires, 1986.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

NUNES, Benedito. *O Drama da Linguagem – Uma Leitura de Clarice Lispector*. 2. ed., São Paulo: Editora Ática, 1995.

PONTIERI, Regina Lúcia (Org.). *Leitores e leituras de Clarice Lispector*. São Paulo: Hegra, 2004.

SOUSA, Carlos Mendes de. A revelação do nome. In: *Cadernos de Literatura Brasileira: Clarice Lispector*. Inst. Moreira Salles. Dezembro de 2004, p. 140-191.

WALDMAN, Berta. *Clarice Lispector: a paixão segundo C.L.* São Paulo: Escuta, 1992.